

As escolhas lexicais e o desenvolvimento do tópico discursivo nos diálogos do NURC/SP[♦]

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Na verdade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. (Mikhail Bakhtin, p. 99)

Considerações iniciais

Neste trabalho buscamos atentar para o estudo do comportamento lingüístico que se manifesta no texto oral como consequência do processo de enunciação. Referimo-nos ao emprego efetivo que o locutor faz das possibilidades da língua relacionadas ao tópico discursivo em foco.

A análise está centrada em dois inquéritos do Projeto NURC/SP do tipo D2 (343 e 396), já que a amplitude léxica da língua é bastante vasta e a seleção do léxico no *corpus* sob análise permite-nos uma oportuna consideração das necessidades enunciativas.

Seguindo a proposta bakhtiniana (1979 [1929], p. 98-99 da tradução), podemos definir a enunciação como produto da interação social, quer se trate de uma conversação entre interlocutores que têm um conhecimento partilhado bastante grande e estejam envolvidos em uma situação imediata, quer se trate de um contexto sócio-histórico mais amplo que envolva as condições de vida de certa comunidade lingüística.

Nessa perspectiva, as escolhas lexicais feitas pelos participantes dos inquéritos D2 343 e 396 estão diretamente relacionadas ao contexto situacional em que a enunciação se instaura. Ela é processo/produto da interação desses interlocutores, socialmente organizados que mantêm relações familiares estreitas (em ambos os inquéritos os interlocutores são irmãos; entretanto no primeiro inquérito os interlocutores pertencem à primeira faixa etária (L1 paulistano, engenheiro, 26 anos, solteiro; L2 paulistana, psicóloga 25 anos, solteira) e no segundo inquérito, à terceira faixa (L1 nascido em Jundiaí, veio para S. Paulo com 3 anos, dentista, 81 anos, viúvo; L2 natural de Sorocaba, veio para S. Paulo com 5 anos, professora, 85 anos, viúva).

Na verdade, mesmo tratando-se de uma conversação previamente combinada, isto é, os participantes sabiam que estavam sendo gravados e que o documentador, em certa medida, dirigiria a interação, funcionando como uma espécie de “audiência” (cf. Preti- *A Linguagem dos Idosos*, São Paulo: Contexto, 1991), podemos dizer que a situação dá forma à enunciação, já que é determinada pelos participantes (falante/ouvinte), que se revezam nesses papéis discursivos e que estão ligados com uma situação específica: quem são os interlocutores possíveis, ou na perspectiva de Goffman (1976) quem são os ouvintes ratificados e os não-ratificados.

[♦] In: PRETI, Dino (org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003, vol. 6, p. 103-117.

A observação lingüística centrada em um texto determinado, concreto e metodologicamente definido, evita uma discussão vasta e complexa relativa ao sistema lingüístico e à amplitude léxica do Português brasileiro. Cabe apontar que o fato de partirmos da realidade empírica dos usos enunciativos, através das ocorrências que levantamos no *corpus*, além de buscar o apoio da realidade das possibilidades selecionadas, permite-nos uma oportuna consideração das necessidades enunciativas.

A vertente bakhtinina contribui teoricamente para uma concepção de linguagem, essencialmente interacional, que propõe conceitos de enunciação, de construção de sentido, de interdiscurso e de heterogeneidade discursiva, que combinadas com particularidades teóricas e descritivas da perspectiva conversacional, como por exemplo a topicalidade e progressão tópica, os pares dialógicos contribuem de forma decisiva para a descrição e análise das especificidades interacionais do texto oral (Brait, 1999: 57).

Os conceitos de diálogo e dialógico são entendidos como relação entre falantes numa situação específica de comunicação e articulação existente entre um discurso e os demais que o atravessam e o constituem. São, portanto, dois níveis de interação verbal a partir dos quais se poderá observar a heterogeneidade enunciativa e discursiva que, sendo constitutiva de qualquer texto e de qualquer discurso, participa de forma explícita do texto oral. Tais conceitos auxiliam a análise na medida em que, sendo o discurso um processo de intercâmbio entre eu/outro, o diálogo aparece como um gênero discursivo no qual o circuito dialógico P-R pressupõe dois interlocutores ativos, histórica e socialmente e, também, os diversos discursos que os envolvem.

Essa alternância dos sujeitos falantes que traça fronteiras estritas entre os enunciados nas diversas esferas da atividade e da existência humana, conforme as diferentes atribuições da língua e as condições e situações variadas de comunicação, é diversamente caracterizada e adota formas variadas. É no diálogo real que esta alternância de sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente; os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo) a que chamamos de réplica, alternam-se regularmente nele. O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a ‘posição do locutor’ sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva (fase inicial e preparatória de uma resposta (...)) a relação que se estabelece entre as réplicas do diálogo - relações de P-R, asserção – objeção, afirmação – consentimento, oferecimento-aceitação, ordem – execução, etc. (...) só é possível entre enunciados provenientes de diferentes sujeitos falantes. Pressupõe o outro (em relação ao locutor) membro da comunidade verbal. (Bakhtin, 1992, *Estética da criação verbal*, p. 294).

Ao interagir em uma conversação, empregamos “vários gêneros sem suspeitar de sua existência” (cf. Brait 2002: 155). “Esses aspectos retomam o problema da significação, da construção do sentido, da entonação valorativa, das formas de incorporação da palavra do outro e da atuação do outro no próprio enunciado, da palavra em uso e não em estado de dicionário, das coerções discursivas, apontando para o interdiscurso em vários momentos e especialmente quando se refere à escolha que o enunciador faz de uma palavra”:

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade lexicográfica. Costumamos tirá-la de outros enunciados e, acima de tudo, de enunciados que são

aparentados ao nosso pelo gênero, isto é pelo tema composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero. (Bakhtin (1976 [1926] Discurso na vida e discurso na arte, p. 277).

1. As escolhas lexicais de metadiscursividade e a progressão tópica

Dentre os múltiplos procedimentos verbais sinalizadores da introjeção da instância da enunciação na estrutura dos enunciados textuais, inscrevem-se as digressões¹ retóricas didáticas. Este tipo de escolha se deve a uma necessidade de sanar uma dúvida. Na verdade, esse tipo de digressão serve-se de um ato de fala clarificatório na medida em que, no exemplo 1, L2 pede uma informação sobre o sentido do substantivo “desenvolvimento”, pois é provável que não o tenha compreendido totalmente, evidenciando que o contexto de conhecimento de mundo não é integralmente partilhado pelos dois participantes. Para poder sanar a dúvida da interlocutora e garantir a inteligibilidade do discurso, L1 relaciona o termo que causou toda a dificuldade a outro termo (“crescimento”); a seguir, para deixar mais evidente ainda o significado pretendido, faz uso de um exemplo (“agora pe::gue... os indivíduos... desse país... é melhor ou pior para eles isso?”).

(A) repetição do substantivo empregado na P1

(1)

L1 você acha que.... desenvolvimento é BOM ou é ruim?

L2 desenvolvimento em que sentido?

L1 crescimento.... o Brasil diz-se basicamente subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo... se desenvolvendo... parece que está saindo de uma... condição de subdesenvolvido para chegar sei lá numa de desenvolvido okay?.... uma:: um caminho

L2 ahn ahn

L1 agora PE::gue... os indivíduos... desse país... é melhor ou é pior para eles isso?

L2 não sei porque acho que aí quando se fala em desenvolvimento geralmente está se falando num plano material né....

(SP-D2 343, linhas 497-508, p. 29-30)

(B) uso de prefaciadores

Os procedimentos sinalizadores da operação metadiscursiva podem apresentar diferentes graus de estereotipia, e ganharem formato ora mais conciso e cristalizado, ora mais estendido e de construção mais livre (por exemplo, ou seja, quer dizer; digamos assim, vamos dizer assim; posso fazer uma pergunta; nós estamos chegando a um ponto importante) (cf. Risso, 1999: 206). Em termos morfológicos, observa-se que os prefaciadores podem ser formados por uma variada gama de partículas, palavras, sintagmas e orações de diversos tipos.

É importante observar que esses prefaciadores constituem um elemento na articulação textual, encadeando a porção textual digressiva de modo coeso. Eles asseguram o desenvolvimento continuado do discurso (seqüência linear) e operam na organização hierárquica do texto, na medida em que garantem a coesividade entre os tópicos que vão se desenvolvendo verticalmente durante a elaboração do texto oral.

¹ A digressão pode ser definida como uma porção textual que não está diretamente relacionada ao segmento imediatamente precedente nem ao que lhe segue. Em *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada* (2001), apresentei uma nova proposta de tipologia sobre digressões.

No segmento (2), a porção textual desenvolvida por L1 por meio do prefaciador “por exemplo” surge a partir de uma pergunta feita por L2 (“como assim? não entendi... a sua dúvida”). O trecho elaborado por L1 é longo e tem o intuito de tornar evidente a direção de sua pergunta e caracteriza-se por fazer uma espécie de recapitulação de vários pontos que já foram discutidos anteriormente.

(2)

L1 então a minha pergunta é a seguinte pensando em futuro... por enquanto parece que... tem alguma coisa sempre acertando... de cá e de lá... é dois mil mesmo que vai (podá pô)... você não enxerga isso não?

L2 como assim? não entendi... a sua dúvida

L1 por exemplo:::... lemingue toda vez que tem superpopulação eles vão para o mar e:: se matam aos montes

L2 ah

L1 o sistema é simples né?

[

L2 ahn ahn

L1 superpopulação falta de comida eles morrem... não tem alguma coisa que mude isso...

L2 uhn uhn

L1 para o homem então você estava dizendo... bom tinha os os caras lá que matavam dois mil bruxos né?

L2 uhn uhn

L1 a população era pequena dois mil... sobre o total dava menos de um por cento

[

L2 uhn o nazismo ... matou::... dez milhões

L1 então tem...

(...)

L2 mais aí você está vendo estritamente nesses termos né? até que ponto:...

(SP-D2 343, linhas 1461-1499, p. 53-54)

(C) uso de expressões verbais (dizer, perguntar, responder, saber) ou formas nominais (declaração, afirmação, pergunta, resposta)

(3)

L1 mas o Rocha:: e o:: e ::... e :: Clark tinha um tipo especial de calçado...

[

L2 casa Clark exatamente

L1 então esse calçado tinha um:: formato mais ou menos do pé... bico redondo... e levantado na ponta... para aconchê/para dar liberdade aos dedos... chamava-se commonwealth se não me engano esse calçado...

Doc como é que chama?

L1 commonwealth...

Doc ahn

L1 eu não falo não pronuncio direitinho... escrevia-se comnvealt não é?... não pro/não tenho boa pronúncia hoje não tenho... nunca tive boa ponúncia no inglês... no inglês eu fui sempre muito ()... em inglês ... mas

(SP-D2 396, linhas 964-977, p. 204).

Nesse trecho, L1 está explicando como era o formato do sapato feito pelo Clark e utiliza um termo em inglês (“commonwealth”), entretanto a documentadora não compreende e pede um esclarecimento (“como é que chama?”). Esse pedido cria uma espécie de pausa no fluxo informacional, desempenhando uma função metalingüística ou metaconversacional.

- (4)
L1 presos aqui na ponta do dedo... e preso nos pés também... de baeta inteirinho... pesava sabe o que...
[
L2 baeta era pesado ()
L1 sabe o que é baeta?
[
Doc (é um) tecido (escuro)?
[
L1 baeta é uma lá peluda...
Doc ahn::...
L1 como esses cobertores assim:: mais grosseiros...
Doc aí:: (que horror)
[
L1 uma lâ peluda era essa... esse era o traje de banho dessa época...
(SP- D2 398, linhas 1801-1812, p.226)

L1 está discorrendo a respeito dos trajes de banho que eram usados quando ele era criança e emprega o termo baeta ao referir-se a um tecido; como a essa altura do diálogo já sabe que a documentadora não deve conhecer o tecido, ele mesmo faz a pergunta, introduzindo a digressão (“sabe o que é baeta?”).

- (5)
L1 ... eram itália::nasceram francesas eram mercadoria quaaase toda importada... as casimiras também eram todas importadas... e:: o veludo astracã seda milinó...
Doc. o que é isso? ((ri))
L1 milinó é milinó é uma lâ...
[
L2 ()
L1 de (um)...
[
L2 era uma lâzinha
L1 de um gado:: chamado de um::... um carneiro que chama-se milinó é de uma... é de uma... (deve::)...não sei se é da Austrália... se não me engano é da Austrália esse milinó... não sei... essa qualidade de::... de::... de carneiro... milinó... era da... e::... um/havia muita::... muita chita muita ganga... ganga é uma fazenda::... o que será a ganga hoje?...
(SP- D2396, linhas 718-733, p. 198)

Nesse trecho, L1 desenvolve o tópico discursivo referente aos tipos de tecidos que se usavam e menciona “milinó”, porém como a documentadora é jovem e não conhece esse tecido, pergunta o que é, instaurando uma digressão, a partir de uma atividade metadiscursiva. L1 passa a explicar como é esse tecido, do que é feito, criando uma pausa no fluxo informacional referente aos tipos de tecido, mas estabelecendo uma espécie de definição do significado lexical do termo referido.

2. O comportamento léxico nos diálogos e a progressão tópica

Todo texto apresenta uma determinada orientação de conteúdo comunicativo e, conseqüentemente, uma seleção lexical convertida em vocabulário do falante, enviesada pelo tópico discursivo, ou seja, o foco informativo. Entretanto, no caso do texto oral é importante considerar o léxico comum, entendendo por esse elemento as unidades lexemáticas empregadas em coincidência no vocabulário de todos os falantes daquele grupo sociolingüístico, em nosso *corpus* o grupo de nível culto.

Adquire aqui notável importância o fato de que seleção, não precisamente a seleção imposta pelo sistema lingüístico, mas a seleção de uso se estabelece a partir das necessidades do locutor para desenvolver o tópico discursivo instaurado naquele momento enunciativo. E aqui se faz referência não a seleção realizada por um só auto-emissor, como ocorre na análise do enunciado escrito, mas a uma sintomática seleção normalizada em um grupo sociolingüístico, tal como se verifica nos inquéritos do *corpus* sob análise.

Nos textos selecionados para este trabalho, verificamos que as escolhas léxicas relacionam-se, como já foi dito anteriormente, ao quadro tópico instaurado em cada diálogo (“Cidade e Civilização” no SP-D2 343; “Vestuário e Diversão” no SP-D2 396). Entretanto, cabe destacar que a observação e análise do desenvolvimento dos tópicos revela que, em sua construção, além de fazer uso de digressões retóricas para poder compreender a introdução de lexemas que não fazem parte de seu conhecimento de mundo, os interlocutores apresentam disfluência na seleção lexical. Com certa frequência, os locutores fazem uso de um trabalho de busca do termo adequado para assegurar a intercompreensão, viabilizando, assim, a continuidade do processo interacional. Isso se deve ao fato de que no texto oral o planejamento e a formulação textual são processos simultâneos ou quase simultâneos e criam um trabalho de seleção lexical bem específica e porque não dizer peculiar, já que os interlocutores são co-participantes nessas escolhas e, quando um termo referido não é conhecido, o pedido de esclarecimento é o caminho para que a seleção lexical seja bem sucedida.

3. As escolhas léxicas de metadiscursividade em Crônicas

Partindo do ponto de vista de que a língua, enquanto lugar de interação, reflete a organização social, podemos dizer, em conformidade com Marcuschi (2001: 35), que a oralidade e a escrita são “modos de representação cognitiva e social”, cujas práticas não possuem propriedades intrínsecas, nem privilegiadas que justifiquem a existência de dicotomias. Nesse sentido, as Crônicas caracterizam-se como um gênero textual que “registra falas que apresentam estrutura e funcionamento similares às da fala cotidiana” (Fargoni, 1993: 240).

Os turnos que se instauram em uma crônica não são introduzidos livremente como ocorre em uma conversação natural, em que o processo de cooperação depende exclusivamente da vontade e possibilidade dos interlocutores. Na verdade, os turnos apresentados em uma crônica são escolhidos pelo cronista e dependem do fluxo da narrativa instaurada.

A crônica selecionada para este estudo é de Carlos Drummond de Andrade e intitula-se “Gravação”. Sua escolha se deve ao fato de ela ser totalmente construída a partir de diálogos, ou seja, registra as falas das personagens em uma situação interacional própria do cotidiano.

Passemos, agora, à leitura dessa crônica:

Gravação²

- Pronto, tá ligado. Posso começar?
- Pode.
- O senhor se sente realizado?
- Por que você quer saber isso?
- Nada não. O professor é que mandou lhe perguntar.
- O professor tem interesse em saber se eu me sinto realizado?
- Sei não senhor.
- Então diga ao professor que venha me procurar.
- Pra quê?
- Para eu lhe perguntar se ele se sente realizado.
- O senhor vai perguntar isso a ele?
- Vou.
- O senhor também está estudando? Nessa idade, poxa!
- Quê que tem? Toda idade é boa para estudar, a gente não acaba nunca de saber as coisas. Mas não estou estudando não.
- Então por que vai perguntar isso ao professor?
- Porque se ele quer saber se eu me sinto realizado, eu também quero saber a mesma coisa dele. Indiscrição por indiscrição.
- Gozado... Mas se o senhor fizer isso não bota o meu nome no meio, porque vai dar grilo. Vê lá, hem.
- Fique descansado. Não vou comprometer você.
- E o senhor só vai responder minha pergunta depois de falar com ele? E se ele não responder? Se demorar? Tenho de entregar esta entrevista até quinta-feira .
- Bem, eu respondo agora mesmo.
- Então responde, vamos lá.
- Primeiro eu preciso saber: o que é se sentir realizado?
- O senhor não sabe?
- Para dizer o que eu sinto, quero saber antes se o que eu sinto é o mesmo que se deve sentir quando se está realizado, ou se julga estar. E para isso é preciso saber o que é estar realizado.
- Poxa, não complica.
- Estou complicando, meu querido? Minha intenção era simplificar, esclarecer. O que é mesmo se sentir realizado?
- Ora! Se sentir realizado é... quer dizer... Não sei explicar muito bem, mas o senhor entende, né?
- Mais ou menos. Quer dizer: menos. E você?
- Se o senhor não entende bem, eu é que vou entender?
- Então, como é que eu posso responder?
- Ué, o senhor é o entrevistado, o que sabe das coisas.
- E quando não sei?
- Não sabe se está realizado?
- Não sei nem o que é realizado.
- Corta essa. Não vai me dizer que não tem dicionário em casa.
- Tenho alguns, mas em vez de me tirarem as dúvidas, me acrescentam outras.
- Desculpa, mas o senhor é enrolado, hem? Será que não achou o significado de realizado?

² In. - vol. 5 Crônicas . Carlos Drummond de Andrade et al. São Paulo: Ática, 1979, p.16-18.

- Achei quatro ou cinco. Quer ver? Olhe aqui. O primeiro é o de coisa ou negócio que se realizou, que se tornou real. Será que me tornei real? E antes não era? Quê que eu era então? Fantasma? Projeto?
- Assim o senhor me funde a cuca.
- Não tenho a intenção.
- E os outros significados?
- No fim, está o neologismo, e aí é que – desculpe a expressão, que não costumo usar, mas me deu vontade – aí é que a vaca vai pro brejo. Aqui está: “indivíduo *realizado*: dito por uma pessoa, de si própria, quando considera ter alcançado todos os seus objetivos no terreno ético ou no de suas atividades profissionais ou artísticas”.
- Tá legal.
- Legal no papel, mas e dentro de mim?
- Dentro do senhor o quê?
- Quais são meus objetivos no terreno ético, ou, mais modestamente, no terreno de minhas atividades profissionais ou artísticas? Tenho objetivos éticos definidos? Quais são? São meus ou me são impostos ou sugeridos pela educação e pela conveniência social? Se fossem exclusivamente meus, quais seriam? E em minhas atividades práticas ou criativas? Que é que eu pretendo? Pretendo sempre as mesmas coisas? Não mudo de alvo? Não danço conforme a música ou até sem ela e contra ela? Que é que eu sei de positivo a respeito disso, ao longo de minha vida? Que pretendia eu há 20 anos? Há 10? Na semana passada? Me procure depois de eu morrer. Aí, então, posso dar balanço.
- Chega! Chega!
- Estou caceteando você?
- Não está enchendo não. É que a fita acabou. Até que a entrevista foi bacana, um tremendo barato. O professor vai delirar, a turma também. Um cara que não sabe se está realizado nem o que é realizado! Papo findo, tchau!

O autor nos conta um fato que teria ocorrido com ele: um estudante precisava fazer uma entrevista para cumprir uma tarefa escolar. A pergunta básica é se ele (o autor) sente-se realizado. Toda a crônica é elaborada com base nos diálogos entre o estudante e o autor; entretanto, podemos observar que, a cada pergunta do garoto, o autor elabora outra pergunta, solicitando os motivos do questionamento ou uma explicação sobre um ponto da referida pergunta:

- “- O senhor se sente realizado?
- Por que você quer saber isso?”

O trecho mais significativo e que queremos destacar é:

- “- Primeiro eu preciso saber: o que é se sentir realizado?
- O senhor não sabe?
- Para dizer o que eu sinto, quero saber antes se o que eu sinto é o mesmo que se deve sentir quando se está realizado, ou se julga estar. E para isso é preciso saber o que é estar realizado.
- Poxa, não complica.
- Estou complicando, meu querido? Minha intenção era simplificar, esclarecer. O que é mesmo se sentir realizado?
- Ora! Se sentir realizado é... quer dizer... Não sei explicar muito bem, mas o senhor entende, né?
- Mais ou menos. Quer dizer: menos. E você?”

Nesse segmento, os dois interlocutores conversam sobre o significado da expressão “sentir-se realizado”, pois só a partir da acepção exata o autor responderá ao garoto a questão fundamental da entrevista.

Essa estratégia usada pelo entrevistado é a mesma empregada nos textos orais analisados anteriormente, ou seja, o locutor vale-se de uma digressão retórica para introduzir uma atividade metadiscursiva por meio da qual pede um esclarecimento sobre o significado de um termo ou expressão. Embora o tópico discursivo sofra uma espécie de pausa em seu fluxo informacional, o processo interacional continua a partir da atividade metadiscursiva, criando uma estrutura decisiva para o evento conversacional

O turno desenvolvido pelo estudante revela particularidades específicas do texto oral: o locutor apresenta disfluência em sua seleção lexical, faz um trabalho de busca para encontrar o termo adequado e viabilizar a continuidade do diálogo: “Ora! Se sentir realizado é... quer dizer... Não sei explicar muito bem, mas o senhor entende, né?”

No texto analisado, é por meio do tópico discursivo e da maneira como é conduzido que se pode perceber a relação instaurada entre os interlocutores. O emprego da digressão cria uma certa expectativa no leitor e permite ao autor revelar o que pensa a respeito do assunto “sentir-se realizado”, o que significa isso para um escritor, qual o interesse do estudante em saber a resposta do entrevistado.

Considerações finais

Considerando, a partir dos fatores aqui sintetizados, que os trechos escolhidos para análise constituem seqüências textuais caracterizadas como digressões retórico-didáticas, ou seja, cada um forma um bloco de trocas interligadas por um forte grau de coerência semântica e /ou pragmática e que a organização interna das seqüências tópicas varia em função de certos traços característicos das trocas estabelecidas – P-R, grau de conhecimento mútuo entre os participantes, natureza da relação interpessoal, é possível reconhecer a condição metadiscursiva ou metaconversacional dessas digressões, na medida em que buscam atender a um pedido de esclarecimento, ou seja, apresentam caráter elucidativo em relação a uma escolha lexical feita por um dos interlocutores.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O (2001) *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas/FAPESP.

CASTILHO, Ataliba T. de e PRETI, Dino (orgs.) (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, vol. II.

BAKHTIN, Mikhail (1979 [1929]) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

BAKHTIN, Mikhail (1992 [1979]) *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

BRAIT, Beth (1999) Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral. In: PRETI, Dino (org.) *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, p. 55-78.

BRAIT, Beth (2002) Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, p. 125-157.

FARGONI, Ana Maria Souza Lima (1993). *A manifestação da oralidade na escrita: um estudo da crônica*. Dissertação de Mestrado, UNESP-Araraquara.

GOFFMAN, Erving (1976) Replies and responses. *Language in Society*, 5: 257-304

LAMÍQUIZ, Vidal (1994) *El enunciado textual: analisis lingüístico del discurso*. Barcelona: Ariel.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2001) *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

PRETI, Dino (1991) *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto .

RISSO, Mercedes (1999) A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro de (org.) *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN, p. 203-214.